



A CRIATIVIDADE LOCAL NA DECOLONIALIDADE: ENTRELAÇAMENTOS E AÇÕES POSSÍVEIS NO MEIO ACADÊMICO

CREATIVIDAD LOCAL EN LA DECOLONIALIDAD: INTERLACIONES Y POSIBLES ACCIONES EN EL ENTORNO ACADÉMICO

LOCAL CREATIVITY IN DECOLONIALITY: INTERRELATIONSHIPS AND POSSIBLE ACTIONS IN ACADEMIC ENVIRONMENT

Elaine Cristina Roschel Nunes¹,

Resumo:

Neste artigo, busco dialogar com as perspectivas decoloniais e o conceito de Criatividade Local, sugerindo possíveis entrelaçamentos com ações pedagógicas no contexto de educação superior. Para tanto, elaboro inicialmente uma breve revisão das principais formulações de uma crítica decolonial. Em um segundo momento, aponto conexões entre os estudos decoloniais e o conceito de Criatividade Local, como impulso para explorar os próprios repertórios, recursos e oportunidades no meio específico de atuação. Por fim, busco vincular as experiências em um curso de graduação em Letras Alemão com as duas primeiras seções, além de enfatizar a relevância de estudos e discussões decoloniais na formação dessas/es profissionais. Dessa forma, pode-se contribuir para a concretização de ações comprometidas com o cenário local, considerando a singularidade na pluralidade por meio de práticas libertadoras e democratizadoras em Educação Linguística.

Palavras-chave: Criatividade Local; decolonialidade; formação em Letras Alemão.

¹ Doutora. Universidade Federal de Santa Catarina. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0474-3464>, e-mail: roschel.elaine@ufsc.br

Abstract:

In this article, I seek to dialogue with decolonial perspectives and the concept of local Creativity, suggesting possible interweaving with pedagogical actions in the context of higher education. To this end, I initially prepare a brief review of the main formulations of a decolonial critique. In a second moment, I point out connections between decolonial studies and the concept of local Creativity, as an impulse to explore one's own repertoires, resources, and opportunities in the specific environment of action. Finally, I seek to link experiences in an undergraduate German language course with the first two sections and emphasize the relevance of decolonial studies and discussions in the education of these professionals. In this way, we can contribute to the concretization of actions committed to the local scenario, considering the singularity in plurality through liberating and democratizing practices in language education.

Keywords: Local Creativity; decoloniality; German studies.

Resumen:

En este artículo, busco dialogar con perspectivas decoloniales y el concepto de Creatividad Local, sugiriendo posibles entrelazamientos con acciones pedagógicas en el contexto de la educación superior. Para ello, preparo inicialmente un breve repaso de las principales formulaciones de una crítica decolonial. En un segundo momento, señalo las conexiones entre los estudios decoloniales y el concepto de Creatividad Local, como impulso para explorar los propios repertorios, recursos y oportunidades en el entorno específico de acción. Por último, intento vincular mis experiencias en un curso de alemán de pregrado con las dos primeras secciones y subrayar la relevancia de los estudios y debates decoloniales en la formación de estos profesionales. De esta forma, podemos contribuir a la concretización de acciones comprometidas con el escenario local, considerando la singularidad en la pluralidad a través de prácticas liberadoras y democratizadoras en la enseñanza de lenguas.

Palabras clave: Creatividad Local; decolonialidad; Letras Alemán.

Para começar a conversa

Com o intuito de elucidar os caminhos esboçados neste artigo, considero relevante mencionar aspectos motivadores para sua escrita. Durante a análise dos dados levantados em minha pesquisa de doutorado, na qual desenvolvi o conceito de Criatividade Local em Educação Linguística e na formação inicial docente, fui desafiada a repensar muitas de minhas ações e posições pedagógicas. Na ocasião, embora vozes antagônicas me desviassem do objetivo primeiro, o de descobrir mais sobre o fenômeno criativo na formação e prática docente, reforçando que “tudo já havia sido dito” a respeito, decidi trilhar esse percurso e olhar de perto para a *práxis*² e, mais especificamente, para as/os docentes iniciando sua trajetória profissional.

Constatei, naquele momento, uma avidez por parte de professoras/es em formação à procura de padrões, de técnicas e receitas pedagógicas; essas advindas, sobretudo, de fontes legitimadas do além-mar (NUNES, 2022). De fato, a resistência e a dificuldade de fugir do padrão imposto e reconhecido tradicionalmente, pautadas em epistemologias do Norte colonizador, congelam nossa prática pedagógica.

Partindo do cenário evidenciado na tese e de experiências recentes na prática docente, exponho neste artigo as ações e decisões tomadas junto a turmas de estudantes de Letras Alemão de uma universidade pública no sul do Brasil. Ao revisitá-las, discorro sobre caminhos possíveis em diálogo com perspectivas decoloniais e com as premissas do conceito de Criatividade Local. Esses entrelaçamentos servem como base para discussão e como aspecto indagador a caminho de trajetórias outras, em permanente construção.

Neste contexto complexo, para que as epistemologias do Sul³ tenham seu espaço, é preciso deslocar-se ou, nas palavras de Silvestre, Sabota, Pereira (2020, p.104), “girar o olhar” para o entorno em questão. De fato, as/os leitoras/es irão constatar que as possibilidades apontadas partem de vivências concretas e “simples”. As escolhas e atitudes neste contexto foram concebidas como “ensaios” (Jucá, 2020) ou “esforços decoloniais” (Andreotti et al, 2015; Silvestre et al, 2020) para repensar e buscar descolonizar a prática educativa no âmbito acadêmico.

Para essa discussão, em um primeiro momento, realizo uma breve revisão do debate decolonial. Em seguida, discorro sobre o conceito de Criatividade Local, desenvolvido em minha pesquisa de doutorado, que nos encoraja a compartilhar, sentir e a experimentar em nossa prática. Por fim, com base na discussão teórica e prática, destaco ações e experiências que levantam indagações diante de um modelo hegemônico de

² A *práxis* no sentido proposto por Paulo Freire (1987), como conjunto de práticas que promovem a articulação entre proposições teóricas, críticas e reflexivas com o trabalho prático de educação e a transformação da realidade.

³ O termo “epistemologias do sul” proposto por Boaventura de Souza Santos (2007) tem um sentido epistêmico e faz referência aos espaços que foram colonizados, subalternizados e invisibilizados pelo espaço normativo de poder do Norte global.

língua como homogênea; e de um ensino engessado, instituído longe de seu tempo e lugar.

Vale destacar que a minha interpretação e o compartilhamento das experiências não têm a pretensão de “desvelar” a realidade, indicar melhorias ou de criar metodologias como receitas pedagógicas. Na verdade, trata-se de um convite para reflexão e revisão da prática educacional no âmbito acadêmico, percebendo as confluências entre o planejamento de aulas, as posições e ações na prática docente.

Com efeito, espaços de diálogo como o proposto nesta publicação conjunta, a partir de uma perspectiva de reflexão e ação política decolonial em educação linguística no Brasil, aguçam não somente a olhar para o entorno, mas também para si, para os próprios anseios e “deslizes”. Nesse sentido, compartilho neste texto não somente as ações bem sucedidas, mas também os percalços dos primeiros passos na trajetória iniciada. Ademais, durante o período em questão, os processos dialógicos e encontros com grupos e pessoas que realizam “esforços” nesta mesma direção provocaram reflexões e incitaram a busca por novas conexões, em prol de coletivos, redes de apoio e oportunidades de troca, principalmente no eixo sul-sul.

Como ponto de partida para essas reflexões e antes de buscar os entrelaçamentos entre a decolonialidade, a pesquisa e a práxis, realizei uma breve revisão do debate decolonial na contemporaneidade.

Por um agir decolonial

Para a compreensão dos entrelaçamentos propostos neste artigo, iniciamos com a problemática decolonial, que surge de indagações em diferentes campos de tensão entre saberes hegemônicos e subalternizados. Essas reflexões e práticas decolonialistas (Quijano, 2005; Santos, 2007; Mignolo, 2017a, 2017b, Grilli, 2020) apontam para as desigualdades e para soberania eurocentrista, revelando a urgência de ruptura com esse sistema, com suas relações de submissão e hierarquização. Nessa esteira, as narrativas históricas e as construções coloniais são postas à prova como forma de reverter a lógica e permitir que grupos subalternizados tenham vez e voz reconhecidas.

Segundo Aníbal Quijano (2005), a colonialidade do poder é a expressão da dominação dos sistemas coloniais, reforçada pela naturalização de um conceito de raça com o intuito de inferiorizar povos outros colonizados segundo a lógica capitalista de exploração. Para abalar as estruturas desses centros de poder e como crítica à lógica moderna ocidental e a epistemologias que não admitem outras formas de saberes e práticas, o grupo Modernidade/Colonialidade surge ao final dos anos 90 como um projeto epistemológico e político, levantando questões intrigantes. Em seus diálogos, esse grupo formado por intelectuais latino-americanos insere a América Latina no debate pós-colonial e expõe o lado obscuro da modernidade (Mignolo, 2017b).

O termo “giro decolonial”, cunhado por Nelson Maldonado-Torres (2007), representa “o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da

modernidade/colonialidade" (Ballestrin, 2013, p. 105), como um "projeto de transformação sistemática e global das pressuposições e implicações da modernidade, assumido por uma variedade de sujeitos em diálogo"⁴ (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 160, tradução minha).

Desde então, o debate decolonial expande-se dentro e fora da academia, em diferentes áreas e grupos, ressoando vozes até então silenciadas ou excluídas. Como confrontação direta com hierarquias criadas pela modernidade europeia em seu processo de guerras, conquistas e escravização (Maldonado-Torres, 2007), diferentes perspectivas surgem, marcadas pelo lócus de enunciação e pelas condições de quem fala. Nessa arena, não apenas a questão de classes é levantada, mas também a discriminação contra as mulheres, contra indígenas, povos de origem africana, LGBTQIAP+, refugiados e outros.

Vale lembrar que "descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção" (MIGNOLO, 2017a, p. 15). Longe de defender verdades absolutas e uma tradição epistêmica universal, a perspectiva decolonial desnuda os efeitos da colonialidade, sem se apresentar como "verdade irrevogável" (MIGNOLO, 2017b, p. 13).

O desafio é perceber e eliminar o que Boaventura de Sousa Santos (2007) chama de pensamento abissal do mundo moderno ocidental que radicaliza distinções e cria linhas divisórias. "A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente" (SANTOS, 2007, p. 71). As relações hierárquicas, as linhas abissais e a irrelevância dos que estão do outro lado da linha, construídas por centros de poder, devem ser identificadas, questionadas e interrompidas, como estratégias e ações decoloniais (MENEZES DE SOUZA et al, 2019, p.21). Em outras palavras, a decolonialidade promove a ruptura com esse sistema de dominação, como um projeto político de intervenção e de construção de práticas que coloquem as narrativas históricas e as construções coloniais à prova, revertendo as lógicas e perspectivas. Para tanto, é preciso permitir que grupos antes subalternizados tenham voz e reconhecidas.

Vale enfatizar que, como pontuam Menezes de Souza e Hashiguti (Menezes de Souza, Hashiguti, 2022, p. 157), "há várias teorias decoloniais", se homogeneizarmos o pensamento decolonial acabamos por criar a universalização que apaga a contextualização (MENEZES DE SOUZA, HASHIGUTI, 2022, p. 157). Nesse grande diálogo, é preciso realizar uma leitura crítica da questão decolonial. Afinal, como salienta Andreotti ao ser entrevista por Silva e Jordão (Andreotti, Silva, Jordão, 2021), a própria decolonização pode virar um conceito "esvaziado", um "slogan" ou uma expressão de "moda" para assegurar direitos "calcados, ironicamente, na própria colonialidade e no colonialismo" (ANDREOTTI, SILVA, JORDÃO, 2021, p. 597).

Ao pleitear por um "descolonizar" em nossas práticas diárias, não apenas refiro-me a práticas padronizadas que insistimos em reproduzir e, que, muitas vezes, pouca ou

⁴ No original: Volviendo sobre el significado del giro de-colonial, éste representa, en primer lugar, un cambio de perspectiva y actitud que se encuentra en las prácticas y formas de conocimiento de sujetos colonizados, desde los inicios mismos de la colonización, y, en segundo lugar, un proyecto de transformación sistemática y global de las presuposiciones e implicaciones de la modernidad, assumido por una variedad de sujetos en diálogo (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 160)

nenhuma relação tem como nosso contexto, mas às nossas próprias relações e ações herdadas de princípios colonizadores. Assim, lembrando das ideias de Freire, vale refletir sobre nosso posicionamento em sala. Somos aqueles que “colonizam” como que imperando suas ideias e modelos de aprendizagem? Ou estamos em condições de abrir o espaço educativo para que estudantes também contribuam? Será que reproduzimos a supremacia hegemônica de uma cultura única, dominante, eurocêntrica em nossas instituições ou permitimos a criação de novas formas de abordagem linguística? Há espaço para transformar e criar, ou somente nos resta a inserção e adaptação, sem a consciência crítica, como seres marginalizados, “seres fora de” ou “à margem de” (FREIRE, 1987, p. 34)? Diante dessas questões, faz-se necessário uma atitude que permita a emersão de outros falares e saberes no contexto acadêmico. Essa atitude opõe-se à postura daquelas/es que reproduzem linhas abissais e discursos colonizadores.

Nessa linha de pensamento, a pedagogia decolonial de Catherine Walsh (2017) aponta para uma prática educativa construtiva e novas possibilidades para experenciar essa prática como ato político, emancipador, transformador. Walsch (2017, p. 38) afirma que Paulo Freire nos deu os fundamentos para pensar a pedagogia politicamente, revelando a indissociabilidade político-pedagógica e anunciando a necessidade de um fazer político para “ler o mundo” criticamente. Nesse sentido, Walsch retoma Freire e sua posição de que a educação é ferramenta emancipatória, de intervenção e reinvenção na sociedade (FREIRE, 2000, 21).

Nesses parâmetros, o ensino de línguas segundo uma perspectiva tecnicista, positivista ou ainda iluminista, por meio da qual “são os professores que devem iluminar, trazer a luz do conhecimento para alunos ignorantes e sem luz” (FERRAZ, 2019, p. 25), sofre abalo e carece de transformação por meio de ações de resistência e posicionamento crítico. Esse movimento pode representar uma grande chance de produzir, reconhecer e tornar visíveis conhecimentos outros, promovendo “uma educação linguística entre educadores e educandos em que se entrelacem o ensino linguístico, a perspectiva educacional, a formação cidadã e a criticidade por meio das línguas” (FERRAZ, 2019, p. 25).

De fato, não se trata de um deslocamento trivial. Sem dúvida, os conhecimentos hegemônicos da colonialidade ou as marcas da modernidade nos constituem, estão em nossas histórias e bibliografias (MIGNOLO, 2017b). Em consonância com Duboc (2020, p. 152), convém destacar que estamos em um meio contraditório dentro da própria universidade, uma instituição marcada pela colonialidade e por privilégios, reforçando a reprodução de padrões lineares e tradições eurocêntricas e/ou de outros centros de poder. De sua posição como “instância produtora de conhecimentos” (Duboc, 2020, p. 153), a universidade parece criar fossos entre a academia, escola e comunidade ao prezar por esse status, deslegitimando saberes outros, como subalternizados.

É preciso abalar essas estruturas contrapondo-se às histórias únicas, vinculadas a corpos, discursos e lugares “universais” (Grosfoguel, 2008), que insistimos em reproduzir. É preciso “identificar, interrogar e interromper” (Menezes De Souza, 2019) esse processo. É preciso interromper a autocolonização também em nossa ação pedagógica, quando “hipnotizados pelo fetiche do método” (Menezes De Sousa, Duboc, 2021), acatamos sem

críticas determinações e materiais distantes de nossas realidades, quando colaboramos para o silenciamento e apagamento de vozes outras ou quando assumimos o papel de inferiores neste cenário construído, reiterando a autocolonização e a “maneira naturalizada” (Ferraz, Duboc, Menezes De Souza, 2020, p. 2345) de organizar o mundo, que invisibiliza e desvaloriza outras formas de saber (FERRAZ, DUBOC, MENEZES DE SOUZA, 2020, 2346).

Como próximo passo, para questionar e repensar essas posições e delinear possíveis ações, discorro sobre os entrelaçamentos entre as premissas decoloniais e o conceito de Criatividade Local (NUNES, 2022).

Decolonialidade e Criatividade Local no meio acadêmico: escuta, reflexão e ação

Na seção anterior, procurei traçar um panorama acerca das perspectivas decoloniais. Neste momento, busco pontos de entrelaçamento entre o agir decolonial e a Criatividade Local (Nunes, 2022) no meio acadêmico, particularmente com relação à formação em Letras Alemão em uma universidade brasileira.

De modo geral, pode-se perceber em diversos setores da sociedade o ideal imaginário em torno da tão almejada criatividade: um imperativo para novas criações e ações inovadoras a todo momento. Nessa esteira, a perspectiva de criatividade vinculada ao talento como uma competência inata se sobrepõe; ou ainda, vincula-se o constructo ao lucro e à visão de “progresso”, atendendo a preceitos de uma postura neoliberal (NUNES, 2022). A valorização de saberes locais prescinde dessa visão de mercado, voltada para a geração de produtos e lucros. Afinal, o propósito capitalista restringe as possibilidades, apagando a heterogeneidade e utilizando rótulos como “criativo” ou “não criativo” para indivíduos e produtos, segundo seus próprios interesses.

Na tese de doutorado intitulada “Entre “becos sem saídas” e o “pulo do gato”: Criatividade Local e mentoria na formação inicial de professores de alemão no Brasil” (Nunes, 2022) são propostos caminhos que fazem soar as vozes de participantes diretos em formação docente, por meio da materialização de um programa de mentoria destinado às primeiras experiências a caminho do exercício da profissão. Como base para essa proposta, foi discutido e apresentado o conceito de Criatividade Local.

como um lugar fluido, um espaço de negociação de sentidos, um ambiente em que é permitido explorar e questionar estruturas, no qual o envolvimento permite ir além do determinado e fixado, em uma atmosfera caracterizada pela leveza, pela sensação de Flow e redução de ameaças. (NUNES, 2022, p. 238)

Nesse sentido, a Criatividade Local representa a consciência de nosso local de ação, relacionando nossas próprias experiências a caminhos possíveis, a recursos e condições disponíveis. No referido estudo, foram constatados os benefícios de criar-se uma

atmosfera baseada no bem-estar, provenientes da sensação de *Flow*, conceito definido por Csikszentmihalyi (1996, 2014) como o engajamento agradável, no qual a concentração é tão intensa que a noção temporal é perdida, pois há um propósito compreendido, a atividade é gratificante e o envolvimento, intenso. Lamentavelmente, essa sensação tende a ser pouco observada em contextos educacionais.

Durante essa pesquisa (Nunes, 2022), foram levantadas as “teorias pessoais da prática” (Kumaravadivelu, 2012, p. 85) de professoras/es em formação sobre o conceito de criatividade e sobre a existência de ameaças (ROGERS, 1975, p. 161) ao desenvolvimento criativo. Com efeito, as ameaças em diferentes formas são inerentes ao processo de aprendizagem ao longo da vida e ao próprio processo de “percepção de si mesmo” (ROGERS, 1975, p. 161). No entanto, é possível desenvolver estratégias e iniciar a vida profissional mais preparadas/os para lidar com essas situações de maneira (auto)crítica e flexível.

Assim, em consonância com o agir decolonial, foi proposto o processo de mentoria que buscou incentivar a “leitura individual diante de cada desafio enfrentado” (Nunes, 2022, p. 239), a fim de aguçar o olhar crítico sobre o local, diante das condições específicas e em relação direta com as demandas e circunstâncias globais. Por meio de métodos introspectivos e da autoetnografia crítica (KUMARAVADIVELU, 2012). Esse próprio “narrar sobre si”, reconhecendo-se como parte do processo, reflete uma postura decolonial, uma vez que reconhece vozes outras, a multiplicidade de incertezas e incompletude, sem impor verdades, mas estabelecendo pontes.

Entendo que um programa de acompanhamento com essa proposta promove encontros e trocas profícuos, permitindo ainda o desenvolvimento de materiais e a elaboração de cursos de acordo com suas necessidades específicas, além de instigar discussões sobre currículo, “planejamento, metodologias possíveis e políticas linguísticas no contexto específico” (NUNES, 2022, p. 240). Nesse espaço de (re)encontro, as pessoas aprendem juntas. Não se trata de um lugar confortável, mas de uma área de inquietação.

Ao longo da pesquisa, pude observar que “a Criatividade Local é intensificada por meio de um projeto de mentoria” (Nunes, 2022, p. 240) e em parceria colaborativa, “capaz de articular demandas locais e globais” (NUNES, 2022, p. 240). A normatividade desconsidera o lócus de enunciação, criando a “universalização da abstração linguística” (Menezes De Souza, Hashiguti, 2022, p. 161), sem considerar a situacionalidade e os significados do que se aprende. Como espaço promissor para a problematização dessas questões, envolver-se com os debates decoloniais assume papel decisivo.

Ademais, devido à configuração da pesquisa, a oportunidade de aproximar-se das/os professores em formação, em diálogo com a pesquisadora contribuiu para constatar a relevância de uma relação *auf Augenhöhe* (em pé de igualdade) para lidar não somente com as ameaças de uma estrutura arcaica e colonial em setores institucionais, como também para perceber a relevância do suporte e de posturas decoloniais dentro do curso de Letras, de forma a incitar reflexões sobre a língua como prática social, desestabilizando uma visão linguística com foco apenas estruturalista e gramatical.

Dante dos percalços resultantes da crise política, financeira e sanitária dos últimos anos, um cansaço geral é sentido, não apenas entre os estudantes e aqueles nessa fase final de curso. Considerando esse fato, evidencia-se a urgência de debater a criação de redes de apoio em ambiente universitário e educacional, não apenas para o trabalho em conjunto na ação pedagógica ou profissional, mas também como forma de atenuar ameaças, o que contribuiria para a saúde mental de cada participante. A primazia da saúde mental das/dos envolvidas/os em esferas educativas e a implantação de redes de apoio são premências que não podem mais ser ignoradas, devendo ser tratadas com seriedade no meio acadêmico. Essa é também uma postura decolonial e de resistência, já que acolhimento não configura como preceitos e prioridade de uma sociedade capitalista neoliberal marcada pela colonialidade.

Em princípio, o clima acadêmico nem sempre é acolhedor e amiúde não favorece a participação. Uma constante (auto)pressão para alcançar o desempenho perfeito, a resposta/leitura correta, a melhor nota, a melhor análise, o planejamento sem reflexão sobre as escolhas tomadas contribuem para tanto. Nesse ambiente desfavorável ao desenvolvimento pessoal e à construção/socialização de saberes, a competição gera o individualismo e a busca pela adequação ao mercado, como suposto requisito para o sucesso.

Contrária a esses princípios, objetivo trazer à luz algumas experiências locais na próxima seção, sem perder de vista a pluralidade de visões e ações possíveis para além destas, destacando a partilha e a colaboração como imprescindíveis para a proposta. Com efeito, a formação em Letras necessita ser expandida como espaço de articulação/atuação no mundo. Por esse ângulo e por meio de processos dialógicos nesses moldes, arrisca-se com mais segurança em direção a uma prática criativa e decolonial, com olhar crítico e atento diante de demandas globais e seus efeitos no contexto local.

Ensaios e caminhos possíveis

As ações e decisões pedagógicas aqui compartilhadas retratam os primeiros passos para repensar minhas próprias práticas no meio acadêmico, apontando “infortúnios”, lançando provocações e questionamentos, ciente de que nem tudo o que é “fora do padrão” é decolonial. Como já mencionado, essas ações podem ser vistas como “ensaios” (JUCÁ, 2020) “esforços decoloniais” (Andreotti et al, 2015; Silvestre et al, 2020), rumo a uma educação linguística que contesta padrões tradicionais limitantes de ensino e aprendizagem. Reforço que estou tomada pela modernidade/colonialidade que me constitui; os ensaios realizados, portanto, traduzem um processo de análise e construção inacabado, passível de críticas e reformulações futuras.

Cabe mencionar que uma grande motivação para experimentar esses caminhos foi a receptividade de estudantes nesses espaços. Diante das trocas realizadas entre estudantes, colegas e pesquisadoras/es ao longo do segundo semestre de 2022, pude constatar o desejo de compartilhar saberes, de conhecer realidades outras, de discutir sobre temas da contemporaneidade, temas que façam sentido para as/os envolvidas/os.

Desde o início, essa foi a postura almejada: incentivar a abertura para a colaboração e a aprendizagem conjunta.

De antemão, as/os estudantes, já nas fases iniciais, demonstraram postura crítica e o olhar para questões decoloniais. Entre as atividades desenvolvidas, com o intuito de provocar o diálogo entre diferentes instituições e grupos de estudo, organizei encontros com pesquisadoras/es e docentes de outras universidades ao longo do semestre nas diferentes disciplinas. A meu ver, conhecer espaços que realizam esforços semelhantes pode resultar em trocas e parcerias enriquecedoras. Nessa linha de ação, aulas compartilhadas e minicursos foram oferecidos por doutorandas/os e docentes convidadas/os com o propósito de provocar discussões, encontros e deslocamentos.

Para citar uma das experiências nesta direção, destaco a disciplina de conversação, a qual apresentava um leque de temas para discussão como interculturalidade, plurilinguismo/translinguagem, literatura no contexto de migração, a comunicação pelas mídias digitais, entre outros. Durante o trabalho com as mídias digitais, foi proposto o desenvolvimento de microprojetos em forma de podcasts ou *drops*, que se conectaram ao final por meio da criação de um canal no Youtube para divulgação das produções de estudantes (Link: <https://www.youtube.com/channel/UCyf6QtCAC2TTbb4ChGzufVw>). Ainda em caráter incipiente, o canal vem sendo construído pelas/os discentes e pela professora desde dezembro de 2022 e conta ainda com a participação de estudantes de outras disciplinas.

A ideia inicial de produzir podcasts surgiu das trocas com o Prof. Jacques A. Onya, docente da universidade Iaoundé I em Camarões. Durante o período em que estive na cidade de Augsburg para o doutorado sanduíche, estabeleci contato com as/os doutorandas/os e participei de encontros em colóquios promovidos pela Profª Kristina Peuschel, responsável pela área de Alemão como segunda língua e como língua estrangeira (DaF/DaZ)⁵. Sob a orientação da professora, o trabalho de Onya chamou-me a atenção, por dialogar diretamente com a minha pesquisa. Seus estudos giram em torno do chamado “Jornalismo Intercultural”, um projeto de pesquisa oriundo de uma experiência específica com meios de comunicação, motivando a aprender a língua, a realizar divulgações de projetos e trabalhos conjuntos, incentivando a participação de estudantes nessas trocas.

Com o intuito de fomentar e promover as relações interculturais, foram criados projetos em conjunto com essas universidades, visando trabalhar com uma plataforma de formação docente em conexão com o jornalismo, a didática e a educação por meio de mídias (Peuschel, da Silva, Onya, 2023). Espera-se com essas ações motivar estudantes e aprendizes da língua alemã não apenas a produzir material para a aprendizagem da língua, mas também a promover intercâmbios e transformações sociais, fortalecendo parcerias na cooperação sul-sul.

Quanto ao canal e podcast “Ohne Grenzen”, os assuntos são escolhidos pelas/os estudantes que apresentam temas de interesse pessoal para o intercâmbio de ideias. O

⁵Confira: <https://www.uni-augsburg.de/de/fakultaet/philhist/professuren/germanistik/deutsch-als-zweit-fremdsprache-und-seine-didaktik/>

A Criatividade Local na decolonialidade: entrelaçamentos e ações possíveis no meio acadêmico

podcast inaugural, transmitido também na rádio em Camarões, foi produzido pela estudante Mariana Barbosa de Amorim e apresenta a obra “O som do rugido da onça” de Micheliny Verunschik, vencedora do prêmio Jabuti de literatura 2022⁶. Com uma perspectiva crítica decolonial, o livro retrata a profunda violência sofrida por duas crianças indígenas Iñe-e e Juri, levadas como parte da “fauna brasileira” para a Alemanha por Spix e Martius, os biólogos bávaros que estiveram no Brasil entre 1817 e 1820. A autora do livro, contrária a uma historiografia hegemônica, aborda o acontecido sob a perspectiva dos “raptados” de suas casas e nos impulsiona a refletir sobre as narrativas de colonizadores que, em prol de um progresso questionável, alimentam a separação entre seres humanos (entre si) e o planeta vivo que habitamos.

Considero a socialização de trabalhos como o acima mencionado de relevância não somente para estudantes, mas para a comunidade em geral. Pela dimensão do artigo, não será possível detalhar os microprojetos realizados nas demais disciplinas. No entanto, apenas para elencar atividades que se destacaram pela participação ativa de estudantes, menciono a realização de entrevistas ao vivo (via Google Meet) e por meio do *Whatsapp* com falantes da língua alemã que realizaram experiências de vida singulares na América Latina. No âmbito do tema “Plurilinguismo/Translinguagem” na disciplina de Língua Alemã, organizamos entrevistas com falantes do alemão de quatro regiões diferentes (Sachsen, Áustria, Hamburgo e Hunsrück).

As questões foram elaboradas pelas/os estudantes e giravam em torno de temas como: “quais as línguas aprendidas e utilizadas no dia a dia” ou “como é o estilo de vida na região que habita”, informações essas que causaram surpresas. A maioria das pessoas entrevistadas não vivia nas regiões de origem: uma delas mora no Brasil, outra no Uruguai e a terceira nos Estados Unidos. Ao promover diálogos autênticos e a elaboração de questões em torno de seus interesses comunicativos, as/os estudantes perceberam o sentido de aprender outras línguas na prática. Nessa ocasião, refletimos ainda sobre falantes de línguas teuto-brasileiras e seu lugar na sociedade, bem como sobre as políticas linguísticas locais. Esse microprojeto, ainda em andamento, será apresentado em publicação futura. Cabe enfatizar que, antes de dialogar com as/os entrevistadas/os, as/os estudantes refletiram sobre seus próprios retratos linguísticos e suas histórias de vida⁷.

Nota-se que “deixar de lado” o livro didático e expandir para pesquisar o que realmente interessa podem significar novos percursos rumo à decolonialidade, pois os microprojetos e entrevistas possibilitaram o levantamento de temas locais e sua reflexão crítica, não previstos no planejamento inicial, além de viabilizarem o encontro de pessoas com as quais aprendemos muito, descobrimos histórias e interesses comuns.

Ao longo do semestre, diferentes instrumentos e canais foram utilizados para fortalecer a comunicação e realizar a avaliação do curso como um todo, inclusive da própria

⁶ Canal no YouTube “Ohne Grenzen”: <https://www.youtube.com/watch?v=fASjcWH5Ls&list=PLH8ZK-Jcyn8Mq00DOp-16bz4mL0kLO3vg&index=2>

⁷ Minicurso realizado pela professora Nádia Cristina Dini no âmbito dos trabalhos em parceria. Sua pesquisa de doutorado (USP) envolve os retratos linguísticos como instrumento de avaliação.

participação diante das atividades propostas. Dentre eles, figuram formulários on-line; atendimentos individualizados, além de devolutivas a cada trabalho realizado.

Para a avaliação do curso e da própria participação ao longo do semestre, foram disponibilizados questionários em forma de formulários do Google. Os resultados das avaliações apontam para uma análise fundamentada da aula e do planejamento proposto. Tais relatos não enaltecem o proposto para “agradar” a professora, mas indicam pontos positivos de forma objetiva e outros negativos a serem repensados no futuro. A meu ver, se algo deu errado, não significa que não valeu a pena e que não merece reflexão ou estudo. Ao levarmos em consideração apenas aspectos positivos das práticas na produção de conhecimento, ignoramos a urgência de (re)agir às demandas do momento presente. É preciso reconhecer nossas próprias ignorâncias, acertos e desacertos.

Para promover o diálogo em “pé de igualdade” com estudantes, essas/es foram convidados a analisar o curso e as propostas. Em geral, a avaliação foi muito positiva. Dentre os aspectos negativos mencionados pelas/os próprios discentes, estão o volume de atividades e o pouco tempo para sua realização. Em virtude de intempéries ao final de 2022, o planejamento sofreu interferências e perdas, ocasionando um acúmulo de tarefas ao final do semestre.

Principalmente na graduação, é fundamental oferecer espaço para processar os temas e projetos propostos como primeiros impulsos na vida acadêmica, evitando a sobrecarga de informações desconectadas. Nesse sentido, é preciso prever e dedicar mais tempo no planejamento para as vivências e atividades que exijam ações externas, como os vídeos e entrevistas, além de outras saídas a campo, permitindo o envolvimento com os microprojetos.

O “fio condutor” entre os temas deve ser, da mesma forma, repensado, procurando selecionar temas e propostas que se conectem melhor, sem limitar o olhar para conteúdos fixos a cumprir. Para os próximos cursos, devo considerar as críticas construtivas e seguir solicitando a participação de estudantes engajadas/os em uma forma de planejamento conjunto.

Para incitar conversas futuras, retomo a proposta deste artigo nas considerações finais, reforçando a urgência de promover o debate decolonial durante a formação do profissional de Letras. Dessa forma, provocamos deslocamentos, diálogos, além da percepção de realidades outras, fomentando cooperações e colaborações entre docentes, discentes e comunidade em geral. Essas atividades contagiam e nos estimulam a repensar formas de produção de saberes, a experimentar vivências motivadoras e a buscar transformar realidades em oportunidades a caminho de um mundo mais justo, desperto e em *flow*.

Considerações finais

A intenção deste artigo foi a de dialogar com as perspectivas decoloniais na práxis. Para isso, busquei entrelaçamentos envolvendo a minha pesquisa em torno do conceito de Criatividade Local e as ações pedagógicas ao longo de um semestre em direção a práticas docentes mais democráticas, libertadoras e conectadas com a realidade de cada espaço.

Nessa linha de pensamento, a conexão com saberes outros e o envolvimento com a língua para além de uma construção abstrata e homogênea, presente em manuais e livros didáticos, constituem ações urgentes em nossa contemporaneidade. Afinal, uma língua não se aprende *apenas* para ter perspectivas profissionais melhores e uma aula não deveria ser voltada *apenas* para o desenvolvimento de competências linguísticas fragmentadas. Há muito mais a aprender e compartilhar.

No contraditório espaço acadêmico, necessitamos ainda estar atentas/os para enxergar nossa cumplicidade no processo colonial (Ferraz, Duboc, Menezes De Souza, 2020, p.2350) e as perspectivas fundamentalistas (Grosfoguel 2008) que seguimos sem questionar. Além do questionamento diante de imposições normativas, as ações e situações desafiadoras da práxis pressupõem uma transformação nas relações e na forma de lidar com as emoções e sensações. Como parte constituinte de um todo maior, será decisivo “girar o olhar” para o coletivo, para a cosmopolítica, sem perder de foco em nosso lócus de enunciação, como ponto de partida.

Os primeiros “esforços” e “ensaios”, as visões a partir do lócus de enunciação em diálogo com experiências e ações em diferentes contextos revelam que vale a pena insistir em projetos nessa direção. O debate, a troca, trabalho coletivo e redes de apoio são aqui fundamentais, buscando ventos frescos que nos orientem a caminho de um ambiente universitário mais democrático, decolonial e crítico, mas também acolhedor e plural.

Agradecimentos e apoios

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e à Universidade de São Paulo pelo apoio durante a realização da pesquisa de doutorado.

Referências

ANDREOTTI, V. de O., SILVA, J. E. da; JORDÃO, C. M. Nossa casa está caindo... e agora, vanessa? capitalismo, decolonialidade e futuros re-imaginados. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2021, v. 60, n. 2, pp. 595-607. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318131002971620210510>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ANDREOTTI, V. D. O., STEIN, S., AHENAKEW, C., & HUNT, D. Mapping interpretations of

A Criatividade Local na decolonialidade: entrelaçamentos e ações possíveis no meio acadêmico

decolonization in the context of higher education. **Decolonization: Indigeneity, Education & Society**, vol. 4(1), 2015. Disponível em: <https://jps.library.utoronto.ca/index.php/des/article/view/22168>. Acesso em: 29 de jan. de 2023.

BALLESTRIN, L.. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. Rev. Bras. Ciênc. Polít., 2013 (11), maio 2013.

DUBOC, A. P. M. Atitude decolonial na universidade e na escola: por uma educação outra. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (Org.) **(De)colonialidade na relação escola-universidade para a formação de professoras(es) de línguas**. Campinas/SP: Pontes, 2020. p. 237-264.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Teoria do Flow, pesquisa e aplicações. Tradução: Marina Gomes. **ComCiência**, n. 161, set. 2014a. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000700010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 de jan. 2023.

FERRAZ, D.; DUBOC, A. P.; SOUZA, L. M. M. DE .. Pesquisas, políticas e práticas educacionais em curso: conversa com Ana Paula Duboc e Lynn Mario Menezes de Souza sobre heterogeneidade e normatividade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. Trab. linguist. apl., 2020 59(3), set. 2020.

FERRAZ, D. (Pós) modernidade, (pós) estruturalismo e educação linguística: construindo sentidos, ensejando transformações. In: ANDRADE, M. E. S. F.; HOELZLE, M. J. L. R.; CRUVINEL, R. C. (orgs.). **(Trans)formação de professoras/es de línguas: demandas e tendências da Pós-Modernidade**. Campinas/SP: Pontes, 2019. Disponível em: http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5699439/mod_resource/content/1/FERRAZ_2019_P%C3%93S%20MODERNIDADE%20P%C3%93S%20ESTRUTURALISMO-p%C3%A1ginas-5-27.pdf. Acesso em: 5 jan. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. Ed. UNESP, 2000.

GRILLI, M. Por uma educação linguística Translíngue e Decolonial: questões para o ensino de alemão. **Iniciação & formação docente**, v. 7, p. 904-930, 2021.

GROSOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 26 jan. 2022.

JUCÁ, L. V. Expandindo perspectivas: ensaios para uma formação docente colonial. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (Org.). **(De)colonialidade na relação escola-universidade para a formação de professas(es) de línguas**. Campinas/SP: Pontes, 2020. p. 237-264.

A Criatividade Local na decolonialidade: entrelaçamentos e ações possíveis no meio acadêmico

KUMARAVADIVELU, B. Language Teacher Education for a Global Society: A Modular Model for Knowing, Analyzing, Recognizing, Doing, and Seeing. New York: Routledge, 2012.

MALDONADO-TORRES, N. 2007. "Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto". En: Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds.), **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. pp. 127-167. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores.

MENEZES DE SOUZA, L. M. et al. "Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito": entrevista. **Dossiê Especial FICLLA - Revista X**, Curitiba , v. 14, n. 5, p. 05-21, 2019 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v14i5.70381>. Acesso em: 29 de jan. 2023.

MENEZES DE SOUZA, L.M.; HASHIGUTI, S.T. Decolonialidade e(m) linguística aplicada. Uma entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. **Polifonia**, Cuiabá-MT, vol. 29, n. 53, p. 01 a 262, jan. - mar., 2022.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017a. Disponível em: <http://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 05 jan. 2023.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017b. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 jan. 2023.

NUNES, Elaine Cristina Roschel. **Entre "becos sem saídas" e o "pulo do gato": Criatividade Local e mentoria na formação inicial de professores de alemão no Brasil**. 2022. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.8.2021.tde-11032022-212301. Acesso em: 2023-11-29.

PEUSCHEL, K., DA SILVA, A. ONYA, J. A. Teilhabeorientiert lehren und lernen: ein Seminar zur Anbahnung professions-spezifischer digitaler Kompetenzen in DaF und DaZ an der Universität Augsburg. **KONTEXTE: Internationales Journal zur Professionalisierung in Deutsch als Fremdsprache**, (1), 120-138, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24403/jp.1297042>

QUIJANO, A. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina". LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Tradução: Edgard de Godói da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

A Criatividade Local na decolonialidade: entrelaçamentos e ações possíveis no meio acadêmico

SANTOS, B. V. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Novos estudos-CEBRAP**, São Paulo, n.79, Nov, 71-94. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>. Acesso em: 22 Jan. 2023.

SILVESTRE, V. P. V. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas:** teorizações construídas em uma experiência com o PIBID. Campinas – SP: Pontes Editores, 2017.

SILVESTRE, V. P. V; SABOTA, B.; PEREIRA, A. L. Girando o olhar: esforços decoloniais na ressignificação do estágio de língua inglesa. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (org). **(De)Colonialidades na relação Escola-Universidade para a formação de professoras(es) de Línguas.** Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 103-121.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir.** Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Ecuador, 2017

Recebido em: 15/01/2023

Aprovado em: 10/06/2023